

A Escola do Bairro: Um projeto para o povo

Área :Humanas, Letras e Artes

Maria Eunice França Volsi¹, Camila Ozelame da Silva², Gabriele Cauani Azevedo Soares³, Ana Paula Dias Torres Ocampos⁴

¹Prof. Depto de Teoria e Prática da Educação– DTP/UEM, contato: mefvolsi@uem.br

²Aluna do Projeto de Ensino n. 707/2003, contato: camilaozelame@gmail.com

³Participante do Projeto de Ensino n. 707/2003, contato: gabrieleazevedopedagoga@gmail.com

⁴Aluna do Projeto de Ensino n. 707/2003, contato: anapaula.ocampos@gmail.com

Resumo. *O presente resumo apresenta a "Escola do Bairro", um projeto comunitário criado em 2021, no bairro José Richa, no município de Sarandi, no estado do Paraná, que atende crianças e pré-adolescentes de 6 a 14 anos. Surgido como resposta ao abandono educacional do Estado durante a pandemia de COVID-19, o projeto foi inspirado pela Executiva Nacional de Estudantes de Pedagogia (ExNEPe) e contou com a colaboração de voluntários para auxiliar as crianças em meio às dificuldades de acesso remoto. Com o tempo, a iniciativa se expandiu para além do reforço escolar, oferecendo formações culturais e sociais. Em 2024, a Escola do Bairro integrou-se ao Projeto de Ensino "Políticas e Gestão da Educação no Brasil", (Proc. 707/2003) da UEM, oficializando sua parceria com a Universidade e fortalecendo a conexão entre a comunidade e a academia.*

Palavras-chave: Educação; Ensino; Comunidade externa.

Introdução

O presente trabalho objetiva apresentar a “Escola do Bairro”, um projeto comunitário desenvolvido no bairro José Richa, localizado em Sarandi, no Paraná, que visa atender crianças e pré-adolescentes de, em média, 6 a 14 anos. Criada em 2021, durante a pandemia, a iniciativa independente surgiu como uma resposta à falta, proposital, de soluções oferecidas pelo Estado para garantir a continuidade do acesso à educação durante a crise sanitária do COVID-19 para crianças da rede pública de ensino.

A criação do projeto foi inspirada pela Executiva Nacional de Estudantes de Pedagogia (ExNEPe), que encorajou a criação de Comitês de Solidariedade Popular por todo o país. Em tais comitês, estudantes se organizavam junto à população para produzir máscaras, sabão, distribuir álcool em gel e, principalmente, propiciar apoio educacional às crianças que, naquela época, só tinham acesso a aulas remotas.

Desenvolvimento

Durante a pandemia, muitas crianças periféricas, como as do bairro referido, ficaram à mercê do próprio cotidiano. Lombardi (2020), ao refletir acerca da Universidade nesse contexto, também contribui para a compreensão do ensino básico. Ele questiona se em determinados períodos as medidas foram guiadas pela preservação da vida dos alunos e professores, ou se a dispensa das atividades presenciais tratava-se de um instrumento para a redução de manutenção por meio do ensino Ensino à Distância (EaD).

Referimo-nos aqui aos momentos finais da pandemia, quando já havia comprovações científicas sobre o controle da transmissão do vírus, a população estava prestes a iniciar a vacinação em massa, e havia disponibilidade de álcool em gel e outras medidas de prevenção em larga escala. Negar o acesso à escola sem propiciar uma alternativa efetiva significou a negação do acesso ao conhecimento, uma vez que “O povo precisa da escola para ter acesso ao saber erudito, ao saber sistematizado e, em consequência, para expressar de forma elaborada os conteúdos da cultura popular que correspondem aos seus interesses” (Saviani, 2011, p. 80).

Nesse contexto, influenciado pela ExNEPe, o projeto ganhou força em Sarandi após o contato com a Jô, responsável pelo programa “Juntos Somos Fortes”, que serve marmitas e distribui sacolas de verduras e legumes para os moradores do bairro José Richa semanalmente. Após uma ação de arrecadação de alimentos para este projeto, Jô destacou que o maior desafio do bairro durante a pandemia era a formação das crianças. A falta de celulares e computadores impossibilitava o acesso às aulas remotas, ou seja, na prática, as crianças estavam sem aula e sem estudar.

Assim, reunimos estudantes de diversos cursos, professores, pedagogas e profissionais de várias áreas que, voluntariamente, se propuseram a ir ao José Richa nos sábados de manhã com o objetivo de auxiliar as crianças a realizar as atividades enviadas pelas escolas. Para tanto, todas as medidas cientificamente comprovadas para evitar a propagação do vírus, como o uso de máscaras, álcool em gel e distanciamento social foram tomadas, de modo que nenhum dos professores e alunos foram contaminados durante tal período.

Com o passar do tempo, dada a demanda do bairro, o número de crianças gradativamente aumentou. Com a ampla vacinação e arrefecimento da pandemia, as aulas de reforço escolar continuaram e se aperfeiçoaram. Desde sua criação, além da alfabetização, o Projeto já propiciou oficinas de teatro e música, atendimento odontológico, apresentações culturais, comemoração de datas festivas e mobilizações por direitos, dentre outras atividades, com a participação voluntária da comunidade universitária das diversas áreas do conhecimento.

Atualmente, a Escola do Bairro não se limita a oferecer apenas reforço escolar; seu objetivo é enriquecer a formação cultural e política dos alunos, por meio da intencionalidade de práticas pedagógicas referenciadas em Anton Makarenko (1888-1939). Tal pedagogo enfatiza a importância do trabalho coletivo na formação dos sujeitos, destacando a importância de uma organização disciplinar que promova a autonomia e a autodisciplina. Assim, busca-se enfatizar nos alunos o hábito do estudo e do trabalho, a solidariedade, o espírito coletivo e o entendimento de que o povo unido é capaz de resolver todos os seus problemas.

Em 2024, a Escola integrou-se ao Projeto de Ensino “Políticas e Gestão da Educação no Brasil”, do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP), cuja coordenadora é a Dr. Maria Eunice França Volsi. Desde 2003, o Projeto visa contribuir com a formação dos alunos por meio da compreensão das políticas públicas para a educação no Brasil no estágio atual da sociedade capitalista.

O projeto conta com a participação de 42 membros e desenvolve atividades acadêmicas relacionadas à política e gestão da Educação no Brasil, em espaços escolares e não-escolares, como é o caso da Escola do Bairro. A integração propiciou a oficialização do Projeto comunitário com a Universidade, servindo como uma ponte estruturada entre comunidade interna e externa, o que facilitou o acesso e a colaboração da comunidade acadêmica com a formação das crianças, validando, assim, suas necessidades.

Considerações finais

A criação e o desenvolvimento contínuo da Escola do Bairro é um exemplo da importância de derrubar os muros da Universidade e democratizar os conhecimentos e a cultura historicamente negados às crianças do povo, de modo que estas possam ter uma formação humana enriquecida, que não se limite aos elementos do cotidiano, visto que o Estado, à serviço do capital, não tem interesse em garantir a máxima humanização de tais sujeitos. Os conhecimentos construídos pela humanidade não devem estar isolados dentro da Universidade, restritos somente a quem tem condições materiais de acessá-la.

É nosso dever como discentes e docentes socializar os saberes aqui construídos, visto que esta é a função social da Universidade. A produção de conhecimento das relações sociais e produtivas não deve ser o fim em si mesmo, pelo contrário, por meio da práxis, tem de se atuar sobre elas, com vistas a sua transformação.

A Escola do Bairro trata-se de estudantes e profissionais que se organizam com este fim. A organização coletiva e independente tem propiciado o desenvolvimento de crianças que frequentam a Escola a médio e longo prazo. Ao longo dos meses, tem sido notável a mudança no convívio e nas personalidades das crianças que, por meio da disciplina, desenvolvem uma crescente autonomia e disposição para colaborar com a Escola e os colegas no trabalho coletivo. Elas demonstram muito entusiasmo e interesse a cada intervenção propiciada por estudantes ou projetos, aproveitando a oportunidade ao máximo.

A vinculação dessa atividade ao Projeto de Ensino n. 707/2003 possibilitou maior participação dos alunos e professores da graduação, pois a regulamentação permitiu além do acompanhamento pedagógico, a certificação dos participantes envolvidos.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Referências

LOMBARDI, Z. Notas sobre educação e pandemia. **HistEDBR**, Campinas, 01 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/columas/artigos/notas-sobre-educacao-e-pandemia>. Acesso em: 25 ago. 2024.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. revista. Coleção Educação Contemporânea. São Paulo: Autores Associados, 2011.

MAKARENKO, A. **Poema pedagógico**. 2. ed. Coleção Educação. São Paulo: Editora 34, 2004.